

O SERVO SOFREDOR: A NOVA IMAGEM DO POBRE EM JON SOBRINO

Jorge Roberto de Araújo Aguiar¹

Resumo

Examinamos neste trabalho o sentido do termo “pobre” na obra “O princípio misericórdia” de Jon Sobrino. A ideia do pobre como sacramento de Deus vem sendo transmitida por longa tradição. Essa tradição aparece no cristianismo profético da teologia da libertação, especialmente em Jon Sobrino. Procurou-se inferir subsídios para uma nova hermenêutica do pobre, não mais como uma categoria sociológica, porém como sacramento. A razão simbólica em Jon Sobrino caracteriza-se pela gratuidade, sua luta simbólica tenta mudar as categorias de percepção e apreciação do mundo social, as estruturas cognitivas e de avaliação. Quatro momentos dão forma ao texto: o primeiro deixa claro os objetivos do trabalho. O segundo, verifica as novas perspectivas teológicas entre os anos de 1960 e 1980. No terceiro momento, analisam-se as diversas representações sobre a pobreza em “O princípio misericórdia”, descer da cruz os povos crucificados. E, por fim, a título de conclusão, aborda-se a América Latina na visão de Jon Sobrino como lugar de perdão.

Palavras-chave: Teologia da Libertação. Pobreza. América Latina. Misericórdia.

1 INTRODUÇÃO

O apelo à articulação entre teoria e prática, a sensibilidade especial pela realidade desumana e opressiva vivida pelas populações marginalizadas gerou novas perspectivas eclesiais e sociopolíticas nas décadas de 1960 e 1970. Constatam dessa realidade pressupostos que apresentam três aspectos: a dimensão internacional de dominação socioeconômica e política. As expectativas de libertação social motivada por setores críticos do capitalismo e os conflitos gerados pelos governos militares. Nesse contexto, Leonardo e Clodovis Boff, no livro “Como fazer

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2011). Especialista em Filosofia e Existência (2006), História do Brasil (1990) e Administração Escolar (1998). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1977). Lecionou no curso de História do Centro de Estudos Superiores de Maceió durante o período de 1984 a 2008. Atualmente é professor do Liceu Alagoano e do Colégio Marista de Maceió. Tem experiência na área de História e Filosofia, com ênfase em História Latino-Americana, Filosofia da História, Ética da Alteridade e da Libertação. Email: aguiardavarzea@hotmail.com

teologia da libertação”, fornecem uma visão global, acessível e serena de um novo modo de fazer teologia, consideram que:

No contexto de diálogo entre Igreja e sociedade em ebulição, entre fé cristã e anelos de transformações e libertação a partir das classes populares, se iniciaram as primeiras reflexões teológicas que apontavam para a Teologia da Libertação. A atmosfera teológica marcada por grande liberdade e criatividade que se desenvolvera durante a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) propiciava na América Latina a coragem de os teólogos pensarem nessas questões pastorais com a própria cabeça... aprofundar as reflexões sobre a relação entre fé e pobreza, evangelho e justiça social (BOFF, 1993, p. 96-97).

Dessa maneira, na América Latina, ocorreram grandes transformações no modo de fazer teologia e de ser Igreja. Experimentou-se uma nova eclesialidade no aparecimento das CEBs, e na opção preferencial pelos pobres. Nas comunidades pobres rurais, lutava-se pela reforma agrária, o que ia de encontro aos interesses das grandes companhias agroindustriais e as práticas dos sindicatos dos trabalhadores, no contexto urbano, davam-se no confronto entre capital e trabalho.

Busca-se, neste trabalho, não só demonstrar que a análise marxista, hoje, não é suficiente como mediação socioanalítica para atender à produção teológica como também demonstrar a mudança no trato do termo pobre em Jon Sobrino. Propõe-se perceber uma penetração, no limite do possível, no sagrado religioso, que é mistério de Deus no pobre, interpelador e impulsionador do ser humano. Faz-se, assim, um contraponto à relativização “sociológica”.

A nossa intenção não é de contrapor Jon Sobrino às avaliações feitas por Gutiérrez, Assmann, Leonardo Boff, Jorge Pixley, Clodovis Boff. Em nossa forma de perceber, Jon Sobrino faz parte, também, desse círculo de teólogos que, no interior da Teologia da Libertação, reflete sobre essas questões. O diferencial que vemos é que, diante da densidade do presente, ele dá ênfase à linguagem teológica na compreensão do termo pobre. E é o que se propõe demonstrar através da transformação que o sentido da palavra pobre sofreu em O Princípio Misericórdia a partir da compreensão do “servo sofredor”. A nova imagem do pobre em Jon Sobrino assumiu o papel de símbolo de Deus.

Veja-se como ele se expressa referindo-se à América Latina:

Na América Latina a teologização fundamental consiste em considerar o povo crucificado como a atualização de Cristo crucificado, verdadeiro servo de Javé; de modo que povo

crucificado e Cristo, **servo de Javé**, mutuamente se remetem e explicam. Assim fizeram os mártires salvadorenhos que sabiam muito bem do que falavam. Monsenhor Romero disse a alguns camponeses aterrorizados que tinham sobrevivido a uma matança: 'você são a imagem do divino transpassado' (SOBRINO, 1994, p. 86, destaque nosso).

Nesse sentido, o símbolo "pobre" em Jon Sobrino libera a razão moderna dos autoritarismos, utilitarismos e instrumentalizações em que ela pode cair sobre o império dos positivismos, inclusive marxistas. Com isso, não se quer negar aos teólogos dos anos 60 a 80 a compreensão do pobre como símbolo de Deus, porém esse momento foi denominado como o das mediações socioanalíticas em que foi privilegiado o marxismo como instrumental científico de análises. Agora se faz a pergunta: essas questões e respostas com a quais os Teólogos da Libertação trabalharam, nas décadas de 1960 e 1970, são compatíveis com as necessidades da produção teológica dos dias de hoje?

Constatamos que a redescoberta e a resignificação do pobre como símbolo de Deus, em Jon Sobrino, estará mais em sintonia com as necessidades atuais, embora também admitamos nele o uso do instrumental científico. A razão simbólica não pretende dominar, impor, nem tirar partido; ela se caracteriza pela gratuidade, pela alteridade e pela não manipulação. Trata-se de uma razão solidária, dialógica com as outras formas de racionalidade. No dizer de Jon Sobrino, a teologização que se faz do povo crucificado aqui na América Latina, a partir do servo de Javé, não só inclui seu aspecto de vítima, mas também seu aspecto historicamente salvífico (SOBRINO, 1994). Para captar, adequadamente, essa teologização, Jon Sobrino nos remete aos cantos do servo de Javé. É importante destacar também que, em "O princípio misericórdia", nosso autor chama a atenção para os elementos que proveram essa alteração. Traz em evidência o servo como luz, símbolo de Deus e essa luz tem a força de desmascarar a mentira, é essa mesma luz que o povo crucificado oferece.

Jon Sobrino admite o fracasso das revoluções na América Latina, que o socialismo tenha caído, que a globalização é inevitável, porém ele admite que tudo isso ainda não diz nada. Para Ele, existe alguma coisa que tenha a capacidade de potenciar o positivo, agir contraculturalmente. E aí Jon Sobrino é enfático: O amor e a defesa de Deus dos mais fracos e a condenação do pecado e dos opressores que os produzem (SOBRINO, 2000, p. 16).

2 NOVAS PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS

Entre os anos de 1960 e 1980, a nova forma de ser Igreja, relacionada à Teologia da Libertação, está articulada com as possibilidades de transformação social e política, e buscam uma sociedade justa e igualitária. Sendo assim, a Teologia da Libertação representou uma contraposição à visão desenvolvimentista. Ela assume um novo referencial teórico de interpretação baseado nos estudos científicos, especialmente em sociologia. Nesse contexto, a Teologia da Libertação tenta compreender a realidade por meio de mediações científicas, julga mediante a tradição bíblica e indica uma nova inserção dos cristãos nas práticas de libertação em curso no continente. Os cristãos se inserem, buscando uma relação entre fé e ação política.

Na década seguinte, nos anos 80, esse quadro já não se configurou devido às transformações sociopolíticas vivenciadas na década de 90, marcada pela globalização econômica e pela exclusão social. As práticas políticas e econômicas vistas no Brasil e na América Latina são coerentes com as políticas neoliberais estabelecidas em todo o mundo. Os processos de libertação deram lugar aos de reajuste socioeconômicos. Não obstante a existência de lutas de contestação social, não foi viável na década de 1990.

Queremos deixar bem claro, neste momento, que Jon Sobrino também faz parte desse círculo de teólogos que, no interior da Teologia da Libertação, reflete sobre essas questões. Nesse sentido, as avaliações feitas por Gustavo Gutiérrez, Hugo Assmann, Leonardo Boff, Jorge Pixeley e Clodovis Boff são total ou parcialmente partilhadas por Jon Sobrino.

No entanto, faz-se necessário levar em conta o enrijecimento metodológico da Teologia da Libertação. Segundo Ribeiro (2010), em seu livro “A Teologia da Libertação Morreu?”, onde trata da necessidade de novos referenciais para que a produção teológica possa ser aprofundada e adquira novos estágios mais relevantes, considera que se faz necessário levar em conta esse enrijecimento metodológico. Essa proposta metodológica considerou o círculo hermenêutico a partir das perguntas oriundas da experiência prática dos cristãos. Essa deveria passar pela crítica, para verificar sua validade e ajudar a enquadrá-la na realidade sociopolítica que necessitava ser compreendida. Esse momento, como já se

considerou acima, foi denominado como o das mediações socioanalíticas quando foi privilegiado o marxismo como instrumental científico de análises. Agora se pergunta se essas questões e respostas com as quais os Teólogos da Libertação trabalharam nas décadas de 1970 são compatíveis com as necessidades da produção teológica dos dias de hoje. A questão do socialismo, por exemplo, motivação utópica dos anos 60-70, está em sintonia com as necessidades atuais?

Como se viu, a Teologia da libertação surge como reflexão das práticas libertadoras, que foram vividas na década de 60 até a década de 80. No entanto, segundo Ribeiro (2010), o que surgiu foram práticas de reajuste, as quais os pobres aceitaram por causa de sobrevivência. Essa nova pergunta, portanto, não está sendo feita em um contexto de libertação, e sim de reajuste, o que altera a forma de agir. Ou seja, as análises marxistas demonstram não serem suficientes como mediações socioanalíticas da produção teológica hoje. Tais análises encontram dificuldades em desvelar outros aspectos da realidade, marcados em especial pela dinâmica cultural. Soma-se a isso que, na América Latina, o crescimento da importância dos conflitos sociais não são mais de classes, porém, étnicos, raciais e de gêneros.

Diante do exposto, atendendo à proposta do trabalho, que é ressaltar a nova hermenêutica do pobre em “O princípio misericórdia”, desejamos chamar atenção na sua maneira de perceber o sagrado religioso, que é o mistério de Deus, interpelador e impulsionador do ser humano.

3 O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA, DESCER DA CRUZ OS POVOS CRUCIFICADOS

Para Jon Sobrino, chegar a conhecer a Deus é o mistério último do ser humano. Porém, conhecer Deus não se faz a partir de nenhum lugar; tampouco a partir de El Salvador, mas ele crê que se torna mais fácil, um pouco mais adequado, crer na bondade e no mistério de Deus que se concretiza a favor da vida dos pobres (SOBRINO, 1994). Nosso autor é enfático nesse ponto. Observe o que ele diz:

O mistério de Deus aparece agigantado neste mundo de vítimas e se concretiza no mistério insondável de um Deus crucificado, como formulou tão belamente J. Moltmann. É um Deus que não apenas está a favor das vítimas, mas também, à mercê dos seus verdugos. [...] No meio de tantas vítimas, a América Latina é o lugar por antonomásia de se perguntar por Deus, como Jó e como Jesus na

cruz, e tanto mais como quanto simultaneamente ele é confessado como Deus da vida (SOBRINO, 1994, p. 23).

Nesse sentido, ele concebe os pobres deste mundo como símbolos de Deus entre nós, pois oferecem luz para que os conteúdos possam ser vistos mais adequadamente, constituem interpelação e exigência de conversão. A misericórdia é exigência que Jon Sobrino redescobriu em El Salvador e que levou ao seu despertar. Reagiu em sua vida com misericórdia e empenhou-se completamente em descer da cruz os povos crucificados. Para ele, a dificuldade é não se perceber que nos pobres acontece o mistério. Neles “irrompeu Deus”, irrompeu, portanto, o mistério. Para Jon Sobrino, é sabido que nenhum mistério é fácil de ser aceito porque é imanipulável. É menos se esse mistério se faz presente nos pobres (SOBRINO, 2008). Ele faz uma advertência em se trivializar os pobres e os mistérios, quando são domesticados através de doutrinas. Porém ele deixa claro que a iniciativa vem de Deus, que nos amou primeiro (SOBRINO, 2008). Porém esse mistério de Deus e de Cristo vai-se revelando com os pobres deste mundo. Ele explica:

Na realidade existencial, estamos dentro do círculo hermenêutico. Afirmamos que os pobres nos levam a Deus e seu Cristo. Mas conhecidos esse Deus e esse Cristo, revelam que esse é seu lugar, o dos pobres, e que assim aparece na palavra revelada (SOBRINO, 2008, p. 46).

Reconhece-se uma relação intrínseca entre Deus e os pobres nos textos de Jon Sobrino. Para ele, os pobres não são somente uma categoria sociológica. A América Latina, a seu ver, é um lugar teológico em que Deus se revela no avesso de uma religiosidade pagã que só vê Deus como poder. Jon Sobrino nos lembra que a revelação tem como fundamento o povo oprimido e seu clamor, e que a relação de Deus com os pobres aparece como uma constante de sua revelação. Ela se constitui uma resposta aos clamores dos pobres. Portanto, para conhecer a revelação de Deus, é preciso conhecer a realidade dos pobres (SOBRINO, 1994). Conseqüentemente, em sua compreensão, pode-se situar os pobres no âmbito do mistério de Deus e Deus no âmbito dos pobres.

Jon Sobrino faz uso da expressão “povo crucificado”, cunhada por Ellacuría. A expressão aponta para a subespécie dos não existentes, os sobrantes. No

comentário de Gilberto Kraisch, a linguagem do povo crucificado desafia e desmascara os defensores da atual ordem mundial (KRAISCH, 2008).

Em Jon Sobrino, os pobres, para manifestarem sua resistência, fazem-no a partir de uma produção simbólica, essa é uma linguagem do oprimido. O vigor da teologia de Jon Sobrino está no fato de ter mergulhado na tensão com a produção simbólica no âmbito popular. Aqui, Jon Sobrino, faz uso de uma linguagem útil e necessária em nível religioso porque “cruz” evoca pecado e graça, condenação e salvação, ação dos homens, ação de Deus. Coloca o próprio Deus fazendo-se presente nessas cruces, e os povos crucificados se convertem no principal sinal dos tempos (SOBRINO, 1994). Nesse texto, o sinal da presença de Deus no nosso mundo é constante, e é sempre no povo historicamente crucificado.

De Karl Rahner, Jon Sobrino faz uso da expressão “a realidade quer tomar a palavra”. Nessa afirmação, a realidade deixa de ser realidade fatural e torna-se uma realidade falante que se afirma em momentos decisivos. É importante realçar que, em “O princípio misericórdia”, a revelação acontece quando Deus escuta a palavra da realidade em forma de um “clamor” de seres humanos empobrecidos (SOBRINO, 2007). Portanto, para ele, os pobres são os mediadores da salvação dos ricos. Vejamos o que diz Jon sobrino referindo-se a El Salvador

Todo esse sangue mártir derramado em El Salvador e em toda América Latina, longe de levar ao desânimo e à desesperança, infunde novo espírito de luta e nova esperança em nosso povo. Neste sentido, se não somos um **novo mundo** nem um **novo continente**, somos, claramente, de uma maneira verificável – e não exatamente pelas pessoas de fora – um continente de esperança, o que é um sintoma extremamente interessante de uma futura novidade diante de outros continentes que não têm esperança e que a única coisa que realmente tem é medo (SOBRINO, 2007, p. 127, destaque do autor).

Nesse texto denso e rico, aparece a dimensão salvadora do pobre em Jon Sobrino. Para ele, a salvação se dá na história não somente através das mediações teóricas e práticas como também através da dimensão salvadora do servo. Ou seja, as realidades sociais conflitivas não podem obliterar as exigências de um amor universal que não reconhece fronteiras de classe social, raça ou gênero. A afirmação de que o ser humano é agente da sua história deve ser feita de tal modo que se perceba a iniciativa gratuita de Deus no processo salvífico, sentido último do devir histórico da humanidade.

Em El Salvador, descobre, também, como Deus olha para sua criação posta na cruz. É este mundo de pobreza e de povos crucificados que lhe permite superar a cegueira e descobrir a mentira. Os pobres de El Salvador irão mostrar-lhe que continuam tendo esperança, a não ser que ela degenera em otimismo no progresso. No entanto, o que diz a fé cristã, segundo ele, é que Deus fará justiça às vítimas e, por extensão, aos que se identificam com elas. Para ele, essa é uma esperança ativa, que desencadeia criatividade em todos os níveis da existência humana (SOBRINO, 2007). No meio da pobreza, ele via o impulso forte da vida e o encanto do humano².

Foi assim que Jon Sobrino adquiriu novos olhos em El Salvador, lá aprendeu a perguntar o que é realmente o humano dos seres humanos. Percebeu que o “ser humano ocidental” não humanizou a outros nem está humanizando a si mesmo, produziu um mundo infra-humano no Terceiro Mundo e um mundo desumanizante no Primeiro. Ficou surpreso, também, com a falta de historização da compreensão do ser humano, porém insiste que é zombaria repetir aos milhares de pobres que são todos seres humanos, ou continuar exortando-os a ter paciência, porque um dia chegarão a ser seres humanos como todos. Finalmente, surpreendeu-se com a falta de dialética ignorando o fato fundamental e antagônico da divisão entre os que têm e os que não têm³. Jon Sobrino descobriu, em El Salvador, que o verdadeiro ser humano foi aparecendo lá onde menos se esperava, no rosto dos pobres e das vítimas. Lá teve a convicção de que, para conhecer nossa essência humana, era necessário fazê-la desde e para os pobres (SOBRINO, 1994), lá em El Salvador as vítimas lhe revelaram onde os cristãos devem conhecer Deus na história.

² Luiz Carlos Susin, no livro *Dialogando com Jon Sobrino*, organizado por Afonso Maria Ligório Soares, afirma que: são os pobres, as vítimas, os caídos, os pequeninos que discernem e nos dão sinal de beleza cristã, a verdadeira “beleza que salva o mundo” (SUSIN, 2009, p.172).

³ Sobre este problema, questiono a forma pela qual Bourdieu desenvolveu as ideias de Marx. Contudo, em um aspecto fundamental, Bourdieu também se desviou do marxismo na apropriação que fez do modelo dos campos baseado em *O capital*, em especial pela supressão da categoria de exploração – que é tão central na análise marxista do capitalismo. Central também é a relação recíproca entre a exploração (relações de propriedade, de produção, de distribuição) e a própria produção (o processo de trabalho, a divisão de trabalho, as relações produtivas). A análise feita por Bourdieu dos campos sociais tende a colapsar essas duas relações, reduzindo a divisão de trabalho à simples posse de um capital e, com isso, eclipsando a ideia da exploração que, pelo menos nos esquemas marxianos, conduzia às lutas de classe (BURAWOY, 2010, p.37).

4 A TRANSFORMAÇÃO DO POBRE EM UM PAPEL DEFINITIVO NO MUNDO SIMBÓLICO RELIGIOSO DE JON SOBRINO

Observe a transformação que o sentido da palavra pobre sofreu em “O Princípio Misericórdia”, a partir da compreensão do “servo sofredor”, na qual a nova imagem do pobre assumiu o papel de símbolo de Deus.

Em “O princípio misericórdia”, Jon Sobrino confirma o que Ellacuría propõe: uma teologização do “povo crucificado”. Não só por razões históricas, como também por razões teológicas, assim também se encontra a criação de Deus. A criação está mal para Deus, a terrível pobreza aumenta na América Latina. Tanto o olhar cristão como o secular estão de acordo com essa tragédia (SOBRINO, 1994). Diz Jon Sobrino nesta importante passagem em que Monsenhor Romero fala em uma homilia:

Jesus Cristo, o libertador, tanto se identifica com o povo que os interpretes da escritura não sabem se o servo de Javé que Isaías proclama é o povo sofredor ou é o Cristo que vem redimir. Ellacuría diz a mesma coisa: ‘Esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de Javé, a quem os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe a vida, sobretudo a vida’ (SOBRINO, 1994, p. 86).

Ao tratar dessa questão, Jon Sobrino quer dizer que os pobres salvam porque muitos deles realizam, em sua vida, os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus. Ser pobre quer dizer: os materialmente pobres, os que não dão a vida por certo. Os despossuídos do fruto de seu trabalho. São os privados do poder social e político. São os considerados inexistentes. São os que despertaram do sono dogmático. São os libertadoramente pobres, os que transformam a tomada de consciência em práxis de libertação solidária. São os espiritualmente pobres os que vivem sua materialidade, sua tomada de consciência e sua práxis com gratuidade, com misericórdia. Por último, vista a realidade dos pobres desde a fé cristã, sua pobreza possui a dimensão teologal: a predileção de Deus por eles, a presença de Cristo neles (SOBRINO, 2008). Jon Sobrino vai mais longe e diz:

As diversas dimensões da realidade dos pobres – dependendo de épocas e lugares – produzirão uns ou outros frutos de salvação. Dito em forma de síntese, por sua realidade crua podem produzir conversão e compaixão, e também verdade e práxis de justiça. E por

seu Espírito multiforme, podem humanizar de várias formas o ar impuro que o Espírito respira (SOBRINO, 2008, p. 98).

E prossegue mais adiante, tornando ainda mais clara a sua noção de pobre como sacramento de Deus, compreensão que formulou mediante o contraponto com a perspectiva vigente de pobre até aquele momento. No dizer de Jon Sobrino, a teologização que se faz do povo crucificado aqui na América Latina, a partir do servo de Javé não só inclui seu aspecto de vítima, mas também seu aspecto historicamente salvífico (SOBRINO, 1994). Para reforçar sua posição, Jon Sobrino nos remete aos cantos do servo de Javé. O que dizem os cantos sobre o servo? Pergunta ele. É o homem de dores, acostumado ao sofrimento: fome, enfermidade, moradia precária, desemprego. Essa é a condição normal do povo crucificado, diz Jon Sobrino em relação ao servo sofredor:

[...] sem figura e sem beleza, sem rosto atraente. E á feiura da pobreza cotidiana se acrescenta a do sangue desfigurante, o espanto das torturas, das mutilações [...] Então, como o servo, causam nojo: muitos se espantaram com ele, porque, desfigurado, não parecia homem nem tinha aspecto humano. E adiante dele se escondem os rostos, porque dá nojo vê-lo, mas também para que não perturbem a falsa felicidade dos que produziram o servo, para que não desmascarem a verdade do que se esconde nos eufemismos que inventamos diariamente para descrevê-los (SOBRINO, 1994, p. 88).

No entanto, em meio a tanto tormento, é de onde surge o anseio de viver. Quando Jon Sobrino fala de santidade primordial, está querendo dizer que santa é a vida e santo é defendê-la, ou seja, fascinante é ver os enormes esforços para favorecê-la, trata-se da dimensão contracultural da bondade, a santidade do sofrimento que, por querer viver, tem uma lógica diferente. É importante destacar em Jon Sobrino que esses elementos de pobreza e vítimas não exigem imitação, muito pelo contrário, a imitação desses santos é rejeitada por muitos. Mas, lá onde reside a bondade, afirma Jon Sobrino, gera-se um sentimento de veneração diante de suas vidas, que provoca alguma humanização (SOBRINO, 2007). Nesse sentido, ele é enfático:

Também não são mediadores que ajudam a vencer a infinita distância entre os seres humanos e Deus, na realidade são presença de Deus. Mantém, em relação a nós, a alteridade específica da divindade, à qual, simultânea e paradoxalmente, tornam presente no mundo [...]. São vicários de Cristo, como se dizia na Idade Média, de forma lúcida e nada obscurantista, muito avançada em relação à atual consciência eclesial oficial (SOBRINO, 2007, p. 114).

Aqui se configura a subversão simbólica de Jon Sobrino. Se a Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, como diz Bourdieu, para o reforço simbólico das divisões da ordem, pela sua função específica de contribuir para a manutenção dessa ordem simbólica, através da inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação conferindo a tais estruturas a legitimação e naturalização da ordem (BOURDIEU, 2007), nesse sentido, a Igreja vai combater, no terreno simbólico, as tentativas proféticas de subversão simbólica de Jon Sobrino em relação ao termo pobre. Estão aí as notificações enviadas a ele pela Congregação para a Doutrina da Fé, que lança mão da autoridade religiosa de que dispõe a fim de combater, combater no terreno propriamente simbólico as suas investidas proféticas.

Em relação à sua teologia, Vera Ivanise Bonbonatto faz as seguintes observações: em Jon Sobrino, todo conhecimento teológico participa do mistério: Jesus de Nazaré remete-nos para o mistério de Deus e do ser humano. Na relação desses dois, conta, acima de tudo, o pobre como expressão do mistério. Destaca que Jon Sobrino foi forjando sua linha de pensamento e seu fazer teológico no confronto com a injustiça de El Salvador. Tudo começou, diz Bonbonatto, na percepção de uma nova realidade: os pobres e as vítimas. Esse despertar teve consequências decisivas para os interesses intelectuais. Exigia-se honradez com realidade histórica de repressão e morte, o que o levou a perceber não só a existência de Deus, mas também dos ídolos. Vera ressalta que Jon Sobrino descobriu a correlação transcendental entre Deus e os pobres. Em Jon Sobrino, diz ela: os pobres e as vítimas tornaram-se sacramentos de Deus e presença de Jesus em nosso meio. Continua Bonbonatto em seu comentário, Jon Sobrino, sem ignorar o *intellectus fidei*, passou a ter preferência pelo *intellectus amoris*⁴, uma teologia que pretende descer da cruz os povos crucificados, por isso mesmo *intellectus misericordiae*. Sua teologia é também *intellectus gratiae*, fecunda e alimenta seu labor teológico (BOMBONATTO, 2007).

⁴ Na epistemologia sobriniana, Érico J. Hammes apresenta a definição global do seu teologizar como *intellectus amoris*. Ele identifica aqui uma nova fase, que na falta de um nome melhor, chamou de hermenêutica agápica, para distingui-la da anterior. Na verdade, segundo Hammes, é apenas uma determinação da hermenêutica praxica e aparece claramente formulada a partir de 1998. No comentário de Hammes, efetivamente o amor, a misericórdia e a justiça termos colocados em paralelo por Sobrino são atitudes que qualificam a praxis. Nesse sentido, poderia falar-se, segundo Hammes, em hermenêutica praxica misericordiosa, agápica ou caridosa e justa (HAMMES, 1995, p. 30).

No comentário de Vera Bombonato, Jon Sobrino, homem marcado pelo sofrimento e pela morte na luta em favor da vida, pode ser chamado de “mártir sobrevivente”. Foi testemunha da cruel pobreza e da injustiça como também da luminosidade, esperanças sem conta das vítimas de El Salvador. Ela não deixa de evidenciar que o grande mérito de Jon Sobrino está no fato de ter contribuído, eficazmente, para a elaboração de uma cristologia da libertação, com novos marcos interpretativos que articulam teoria e práxis, história e transcendência (BOMBONATTO, 2007). Nesse sentido, tornou-se evidente, na leitura de “O princípio misericórdia”, que o uso do seu marco interpretativo não serve aos sistemas de representações e práticas que buscam eficácia mistificadora. Jon Sobrino não suaviza as tensões e conflitos econômicos e culturais.

José Comblin, referindo-se à Notificação enviada a Jon Sobrino, faz a seguinte reflexão. A notificação faz restrições à expressão “Igreja dos pobres”.

No entanto hoje em dia a Cristandade está em um dilema: ou renova a aliança entre o clero e as novas forças políticas e econômicas dominantes e se aparta dos pobres, ou entra no mundo dos pobres e os faz o corpo da Igreja. Esse dilema é o desafio da América Latina. Desde Medellín, há uma tradição de opção pelos pobres. Há outros elementos que buscam a aliança com as novas forças políticas, que são os sucessores dos antigos Imperadores e reis. Não é impossível e há muitos elementos das classes dominantes que o desejam. O que se espera da Santa Sé é que deixe plena liberdade do Episcopado latino-americano para fazer sua opção (COMBLIN, 2007, p. 88).

A opção pelos pobres em nome do Evangelho e da Igreja dos primeiros tempos se tornou uma tradição aqui na América Latina, há quarenta anos. Jon Sobrino faz parte dessa tradição e é um dos seus mais notórios membros. Insiste no fato de que o povo crucificado traz a salvação. Mais ainda, que o escolhido por Deus para trazer a salvação é o servo. E deixa claro que:

[...] a teologia não sabe o que fazer com esta afirmação central, a não ser buscar a **expição vicária** do servo como um modelo teórico de compreensão da redenção Cristo na cruz, sem que esse modelo ilumine intrinsecamente qual salvação a cruz traz e, muito menos, que salvação histórica a cruz traz hoje (SOBRINO, 1994, p. 90).

Sendo assim, não aceitar a salvação que o servo traz seria eliminar algo muito importante da fé. Portanto, para o nosso autor, ver a salvação que o servo traz é o que a teologia da libertação tentou fazer até agora. É preciso ressaltar que, em

se tratando do sofrimento do povo crucificado, capta-se a salvação não como coisa de especulação ou interpretação de texto, mas de captar a realidade.

É importante destacar, também, que, em “O Princípio Misericórdia”, nosso autor chama a atenção para os elementos que proveram essa alteração, pois traz em evidência o servo como luz, símbolo de Deus. Para Jon Sobrino, essa luz tem a força de desmascarar a mentira, e é essa mesma luz que o povo crucificado oferece. Se, diante dele, o primeiro mundo não consegue ver a verdade, não sabemos o que poderá conseguir com que veja, (SOBRINO, 1994). Referindo-se a esta questão da luz que os povos crucificados trazem, Jon sobrino faz alusão a Ellacuría, quando, referindo-se ao Terceiro Mundo, dizia:

No meu ponto de vista – e isto pode ser algo profético e paradoxal ao mesmo tempo –, os Estados Unidos estão muito pior do que a América Latina. Porque os Estados Unidos têm uma solução, mas, na minha opinião, é uma solução ruim, tanto para eles como para o mundo em geral. Na América Latina, porém, não há soluções, só há problemas; mas por mais doloroso que seja, é melhor ter problemas do que ter uma má solução para o futuro da história (SOBRINO, 1994, p. 91).

Torna-se evidente que a solução que os países ricos oferecem é irreal, porque não atinge a todos, e eticamente é desumanizante não só para o terceiro mundo como também para o primeiro. Dizia Ellacuria, no comentário de Jon Sobrino, que o Terceiro Mundo oferece o que hoje se entende por utopia. A utopia do mundo de hoje não pode ser outra que a civilização da pobreza, onde há espaços para todos partilharem os recursos da terra austeramente. E neste compartilhar se consegue o que o Primeiro Mundo não oferece: fraternidade e sentido de vida. E como caminho para se chegar a esse sentido Ellacuriá propõe a civilização do trabalho em contraposição à civilização do capital (SOBRINO, 1994), essa é a contraproposta que os povos crucificados oferecem.

5 CONCLUSÃO: AMÉRICA LATINA LUGAR DE PERDÃO

Para Jon Sobrino (1994), a América Latina é, antes de mais nada, o lugar de um grande pecado. O grande pecado do continente configura toda realidade social e histórica, crucifica e mata povos inteiros. Nesse contexto, pergunta Jon Sobrino em O Princípio Misericórdia: o que significa perdoar o pecado e perdoar ao pecador?

Segundo ele, a pobreza injustamente infligida produz morte lenta e violenta e os ídolos que produzem exigem vítimas para subsistir.

O pecado objetivo da América Latina é a miséria que marginaliza. É a situação de pobreza em que vivem milhões de latino-americanos. Teologicamente, mostram a presença ou ausência de Deus.

No meio de uma realidade pecaminosa, existem pecadores, que são os ídolos que matam; perdoar-lhes significa, para Jon Sobrino, erradicá-los. Esses ídolos têm agentes concretos que causam ofensas concretas.

A primeira coisa a ser afirmada na América Latina, segundo Jon Sobrino, é a existência do perdão desse tipo de ofensas como resposta cristã ao pecador. Por ser perdão de ofensas tão graves, a realidade desse perdão ilumina sua essência muito melhor do que qualquer análise conceitual (SOBRINO, 1994).

A América Latina, portanto, é o lugar do pecado, mas também lugar de perdão. O pecado e o perdão na América Latina não podem ser coisa só de e para latino-americanos, mas de todos e para todos.

Conclui Jon Sobrino dizendo: se os povos crucificados fazem descobrir o pecado do mundo, se esses povos estão dispostos a oferecer o perdão e acolher o mundo pecador para humanizá-lo em sua consciência desgarrada, se esse convite for aceito, então serão possíveis de reconciliação, a solidariedade e o futuro do reino de Deus na história (SOBRINO, 1994).

Jon Sobrino deixa mais claro ainda a necessidade de uma mudança de lógica. Referindo-se à Europa, ele diz: esta Europa que Kant fez despertar do sono dogmático ainda não despertou do sono de inumanidade em que está mergulhada. Esta Europa ainda não se responsabiliza pela negação do mínimo de vida justa e digna no Terceiro mundo. No entanto, ali encontrará, na visão de Jon Sobrino, a reserva de luz e de esperança. Nesse sentido, não é uma verdade da razão a que se refere Jon Sobrino, mas é essencial à fé cristã afirmar que, no servo sofredor, há luz e salvação (SOBRINO, 1994).

Abre-se, aqui, um campo de análise dos conflitos e da violência simbólica⁵. A luta simbólica de que Jon Sobrino participa tenta mudar as categorias de percepção

⁵ Torna-se necessário deixar claro o que vem a ser “dominação simbólica” em Bourdieu: no comentário de Burawoy, a eficácia da dominação simbólica em Bourdieu, localiza-se não na apresentação dos interesses da classe dominante como interesses universais, mas sim no ofuscamento e no encobrimento da própria categoria sociológica da **classe social**. As categorias de

e de apreciação do mundo, as categorias de percepção, isto é, no essencial, as palavras, os nomes que constroem a realidade social tanto quanto a expressam são o móvel por excelência da luta política. No entanto, não cabe aqui esta análise, fica para outro momento.

THE SUFFERING SERF: THE NEW IMAGE OF THE POOR PEOPLE IN JON SOBRINO

Abstract

We want to analyse with this paper the meaning of the word "poor" in the book *The Principle of Mercy* by Jon Sobrino. The idea of the poor as a sacrament of God has been transmitted in a long tradition. This tradition appears in prophetic Christianity of liberation theology, especially Jon Sobrino. We tried to get subsidies for a new hermeneutic of the poor not as a sociological category but as a sacrament. The symbolic reason for Jon Sobrino is characterized by generosity, their symbolic struggle trying to change the categories of perception and appreciation of the world's social, cognitive structures and evaluation. The text have four parts: the first one makes it clear and show our objectives. The second checks the new theological perspectives between the years 1960 and 1980. In the third phase we analyze the representations of poverty in *The Principle Mercy* down from the cross the crucified peoples. And finally, by way of conclusion, approaches to Latin America through Jon Sobrino's eyes as a place of forgiveness

Keywords: Liberation Theology. Poverty. Latin America. Mercy.

REFERÊNCIAS

BOFF, Clodovis. Teologia da libertação e volta ao fundamento. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, out. 2007.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2002.

distinção que oferecem os padrões e modelos para nossas vidas são tomadas como algo dado; por isso, a própria dominação torna-se imperceptível ou irreconhecível como tal. Assim antes mesmo de haver lutas de classe pela conquista da hegemonia, deverá haver lutas pela afirmação da existência e do significado das classes sociais, desse modo, as lutas de classificação precedem as lutas por hegemonia (BURAWOY, 2010, p.70).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BURAWOY, Michael. **O Marxismo encontra Bourdieu**. Trad. Fernando Rogério Jardim. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

COMBLIN, J. Reflexões sobre a Notificação enviada a Jon Sobrino. In: VIGIL, José Maria. **Descer da cruz os pobres**: cristologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **A teologia da libertação morreu?** Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Editora Santuário, 2010.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**: ensaio a partir das vítimas. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Fora dos pobres não há salvação**: pequenos ensaios utópico-proféticos. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Onde está Deus?**: Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

_____. **O princípio misericórdia**: descer da cruz os povos crucificados. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994.